

A ESCOLHA DE MARCOS

Ele acordou com a boca ressequida e os olhos ardendo. Suas mãos tatearam, mas não encontraram os lençóis duros e cheirando a cloro aos quais se acostumara nas últimas semanas no hospital. Na verdade, seus dedos acariciavam um tecido sedoso e delicado, e aquilo o sobressaltou.

Marcos piscou duas vezes, deixando entrar por entre as pálpebras a parca luz de uma luminária vulcânica. O leve som do teclar em um computador chamou sua atenção. Ele se virou para o lado e encarou um sujeito de fraque um tanto esfarrapado. O homem repuxou o colarinho, e um leve odor de enxofre invadiu suas narinas.

— Onde estou? — perguntou.

— Ah, já acordado, Sr. Marcos? — perguntou o homem, com um sorriso que deixava transparecer uma fileira de dentes enegrecidos. — Ótimo. Excelente.

— Onde estou? — Marcos repetiu a pergunta.

— Na antessala do destino. Mas não se preocupe. Não ficará muito tempo aqui — garantiu-lhe, com um gesto eloquente antes de suspirar fundo. — Nem temos acomodações para isso. Assim que se decidir, poderá ir.

— Ir para onde?

O homem voltou a consultar o computador, aproximando o nariz adunco da tela esverdeada.

— Vejamos. Pelo que tenho aqui, sua passagem está assegurada. Se for esse o seu desejo, não há um minuto a perder. É só assinar aqui... — disse, apontando para uma linha pontilhada em um papel preso a uma prancheta, — e seguir pela porta dos fundos.

A porta se abriu por um momento, deixando escapar uma luz resplandecente que quase o cegou.

— Ou, se quiser, pode ouvir minha oferta — resmungou o homem, com um sorriso cínico.



— Eu estou morto? — perguntou Marcos, incrédulo.

— Morto. Falecido. Finado. Bateu as botas. Já era.

Marcos permaneceu longos momentos em silêncio, absorvendo aquela constatação. Sabia que as chances não eram muitas quando se submeteu à operação, mas o médico lhe parecera tão otimista...

“Canalha!”, resmungou para si mesmo, irritado.

— Você é o Demônio?

O homem riu com gosto.

— Eu? Claro que não. Ele é muito ocupado. Nós fazemos a triagem, entende? Oferecemos pacotes, negociamos condições, esse tipo de coisa.

— Você não tem nada que eu queira — disse Marcos, decidido.

— Claro, é o que todos dizem.

— É sério! — exclamou ele, levemente irritado. — Fama? Fortuna? Nada disso me interessa. Eu tive uma vida feliz. Uma mulher incrível e dois filhos maravilhosos.

— Sei, sei... — resmungou o homem, dando de ombros enquanto encarava o computador. — É verdade. Incorruptível. Correto até o último fio de cabelo. Impressionante.

— Então, já sabe a minha resposta — declarou Marcos, enquanto puxava a prancheta para o seu lado. — Onde assino?

— Sabe, nós não fazemos mais isso... — comentou o homem, tateando os bolsos em busca de uma caneta.

— Fazem o quê?

— Oferecer fama, fortuna, dinheiro, essas coisas. Dá muito trabalho. Uma burocracia enorme — comentou, encontrando uma elegante caneta vermelho-Ferrari, que passou para ele.

— É? — resmungou Marcos, desinteressado. — E oferecem o quê?

— Dias.

Marcos levantou os olhos, sem entender.

— Você está em coma naquele hospital, Marcos. Os médicos estão tentando reanimá-lo. Nós podemos providenciar isso.

Ele sentiu a garganta secar. Seus dedos trêmulos largaram a caneta.

— Um dia por um ano em nossos domínios — disse o homem, puxando outro formulário da escrivaninha.

Marcos encarou os papéis.

— E então?

Ela foi chamada às pressas. O marido, em coma havia quase uma semana, despertara. Quando ela chegou, Marcos a abraçou.

— Eu voltei, querida — disse ele, emocionado, secando as lágrimas da esposa. — Não se preocupe. Nós ainda vamos ter muito tempo.